

O ditador e o traidor



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

Na Ucrânia, bem antes da guerra, a palavra *souok*, gíria local, se aplicava aos vestígios miseráveis da existência soviética, economia letárgica, burocracia corrupta, estagnação e tudo o que o governo da época representava. Esse conjunto de evidências apontava no sentido de que os jovens teriam a mesma vida medíocre, sem horizontes experimentada pelos respectivos pais. Esse entendimento permeou a sociedade, desde o pobre até o rico, e resultou em diversos tumultos e revoluções que terminaram por derrubar os governos pró-Moscou. Foi o início da confusão que desaguou na invasão do país pelas tropas russas.

Pequenos incidentes resultam em grandes terremotos políticos. A Ucrânia é apenas um exemplo, existem outros. Donald Trump, por exemplo. Ele pretendia refazer a economia norte-americana mais ou menos como era no século 19, antes da globalização. E no momento em que o país não era líder do mundo ocidental, nem representava a vanguarda da defesa do liberalismo econômico e dos valores democráticos. Os Estados Unidos receberam milhões de migrantes pobres — inclusive a mãe de Trump, que chegou pobre ao novo país e casou com empresário rico — que ajudaram a construir o país com base no esforço individual e na liberdade de religião.

O desencanto dos ucranianos com seu país conduziu ao confronto com o vizinho poderoso. No Brasil, os índices de popularidade do governo frequentam os níveis mais baixos desde que se faz esse tipo de aferição. Lula não mais consegue vender horizontes melhores para os brasileiros, aborrecidos com a inflação elevada, o grande número de projetos inócuos, burocráticos, complicados, corruptos, que acarretam poucas vantagens ao povo. A alta de preços, a cada mês, come um pedaço do salário, e não há promessa que faça o bom humor voltar a prevalecer. O tamanho do mau humor vai aparecer por inteiro na próxima eleição.

O governo brasileiro está diante de dois desafios profundos. Nos Estados Unidos, o governo errático de Donald Trump começa a produzir resultados negativos na economia norte-americana. Além disso, o evidente desgaste na relação com o milionário Elon Musk — sul-africano que migrou para o Canadá e depois para os Estados Unidos e levou o presidente a anunciar, de público, ter comprado um carro Tesla. As vendas dessa marca estão sofrendo violenta queda de cotação na bolsa de valores. Na Europa, as vendas caíram até 45%. Os grandes jornais norte-americanos apostam na próxima crise entre os dois. A aliança não promete vida longa.

A administração Trump apresenta traços ridículos, muito parecidos com cacoetes dos ditadores latino-americanos. Ele proibiu o Exército norte-americano de transigir com as questões de gênero. Nos Estados Unidos, segundo ele, só existem homens ou mulheres. O Exército tomou as medidas para eliminar de seus manuais e museus qualquer menção a um eventual outro sexo. Uma das vítimas foi o avião B-29, que lançou a bomba atômica em Hiroshima, em 6 de agosto de 1945. Ele

foi pilotado pelo coronel Paul Tibbets Jr., que decidiu homenagear sua mãe, Enola Gay, e pintou o nome de sua genitora na fuselagem. O avião foi retirado das exposições aeronáuticas dos Estados Unidos por causa de Enola Gay.

O governo brasileiro está diante de seu cenário de horrores. Lula não fez, quando necessário e possível, o prometido ajuste fiscal. Ele só governa gastando muito, distribuindo dinheiro por todos os balcões, como manda o manual dos populistas. Mas a mágica se esgotou. Ele está olhando para a eleição de 2026, e só há um candidato do PT, ele mesmo. A solução é prorrogar essa situação até o possível, conviver com inflação e culpar o freguês, o atravessador, o estrangeiro, o dólar, e, agora, as sobretaxas impostas por Trump, porque o governo Lula não é capaz de produzir uma proposta capaz de empolgar boa parte dos brasileiros. Ao contrário, ele governa com o PT e para o PT. Só.

A sua política externa, embora sustentada em dezenas de viagens, não resultou em nada de muito positivo. O Brasil está fora da discussão sobre a Ucrânia e não chega perto da questão palestina. E, na América Sul, surgiram novas possibilidades de lideranças. É difícil enxergar o quadro político com nitidez. O senador francês Claude Malhuret conseguiu. Ele disse, semana passada, que “estávamos em guerra contra um ditador. Agora estamos em guerra contra um ditador apoiado por um traidor”. Os jornais ingleses deram destaque à declaração do parlamentar gaulês. O mundo mudou muito, mas infelizmente as discussões em Brasília não querem ou não conseguem sair do provincianismo e perceber a profunda modificação da política internacional, que implicará em mudanças estruturais no país.

Affonso vive a sonhar



» JACOB PINHEIRO
GOLDBERG
Doutor em psicologia

O destino entrelaça vidas de maneira singular, e assim foi com Affonso, cuja história se confunde com a minha. O pai de Affonso Romano de Sant'anna era amigo do meu, e nossas infâncias se cruzaram nas ruas de Juiz de Fora, mais precisamente na Batista de Oliveira, onde morávamos. Affonso, ainda adolescente, passou a trabalhar em nossa casa, que também funcionava como um depósito de roupas. Freqüentávamos o mesmo colégio, o Instituto Granbery, onde os laços da juventude se firmavam entre livros, conversas e inquietações. A vida, com sua cadência própria, nos permitia momentos de partilha e descoberta, nas esquinas da cidade, nos bancos escolares e na biblioteca de casa, onde ele se encantava com os mundos que os livros desvendavam.

Numa das nossas tertúlias literárias de jovens, Affonso me disse do fervoroso anseio de se realizar como escritor no mundo. Ele já não se via apenas como um leitor ou um admirador das letras: queria dar a própria voz ao papel, traçar caminhos novos, criar um universo próprio onde pudesse se expressar. Respondi com uma frase talmúdica tão apreciada pelo Granbery metodista: “Ele escreve, o escriba copia”. Essa frase, simples e densa, parecia carregada de um destino que ainda se desdobrava.

Affonso me acusou, certa vez, diante de nosso amigo Lamir Sagrado, de ter influenciado seu destino poético. Meu “crime” fora sugerir que trocasse o atendimento aos fregueses de meu pai pela imersão na biblioteca de nossa casa. E ali ele mergulhou, sem retorno. Lia com voracidade, encantava-se com os poetas malditos, com os romancistas de alma incendiada, com os pensadores que desafiavam o tempo. O tempo, esse artífice silencioso, nos moldou em trajetórias distintas, mas alinhadas na mesma luta: resistimos, cada um a seu modo, pela literatura e contra os tempos sombrios da ditadura.

Sua irmã, por sua vez, integrou o Laboratório de Literatura que criei em São Paulo, no Museu de Arte de São Paulo (Masp). Affonso, com sua sensibilidade aguçada, sempre enxergou além da superfície. Seu olhar captava os detalhes, as miudezas do cotidiano, e delas fazia matéria-prima para seus versos. Ele não escrevia sobre epopeias ou feitos extraordinários; escrevia sobre o homem comum, sobre o tempo que se esfrela entre os dedos, sobre os gestos que dizem mais do que palavras. E, assim, tornava cada linha sua um espelho da vida real.

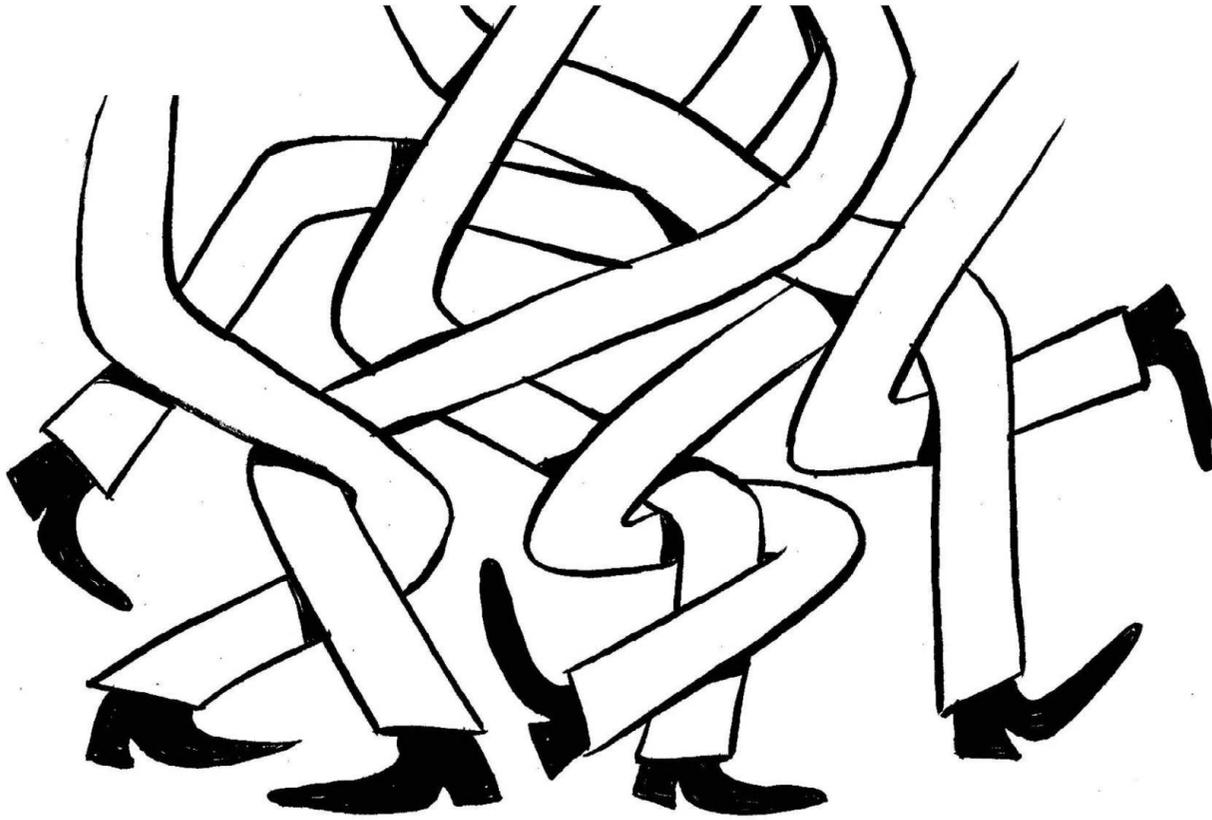
Nossos caminhos, ainda que separados pela geografia, permaneceram entrelaçados pela palavra e pelo compromisso com a arte. A vida nos reservou um encontro simbólico no Prêmio Jabuti: ele, laureado em literatura; eu, em direito. Dois caminhos, um prêmio, um reconhecimento que transcendia as categorias. Mas a verdadeira conquista estava na permanência daquilo que construímos ao longo dos anos. Era a celebração de uma amizade e de um percurso de resistência e criação.

As lembranças da juventude seguem vivas na memória, como se fossem páginas de um livro que se recusam a amarelar com o tempo. Lembro-me das longas conversas na praça, das tardes preguiçosas em que imaginávamos futuros impossíveis e dos versos rabiscados em guardanapos. Affonso tinha uma visão de mundo peculiar, capaz de encontrar poesia nos detalhes mais triviais, e essa capacidade de transmutar o ordinário em extraordinário fazia dele um observador singular da existência. Ele me dizia que a poesia não estava apenas nos livros, mas nas luzes de um poste solitário, no andar apressado de um desconhecido.

A literatura foi seu refúgio e sua trincheira. Com ela, desafiou tempos duros, enfrentou silêncios impostos e construiu uma narrativa própria. Quando muitos se calavam, ele escrevia. Quando outros hesitavam, ele publicava. E assim, palavra a palavra, Affonso se inscreveu no tempo.

Hoje, Affonso parte para as montanhas dos sonhos, aquelas que inspiraram nossas existências e nossas palavras. Mas a conversa não termina aqui. Continuaremos no boteco acadêmico, no pátio granberyense ou em seu apartamento carioca. Tenho um caso para te contar, poeta: milagre é viver; morrer, apenas um sonho dentro de um sonho. E os sonhos, meu amigo, não morrem. Eles seguem vibrando nas entrelinhas dos versos, nos ecos das memórias, na presença que insiste em permanecer.

Estou lendo nas nuvens seus versos, Affonso. Inté.



Racismo como fator de risco para crianças negras com síndrome de Down



» NEUSA MARIA
Psicóloga, coautora do projeto *Eu me Protejo* e membro da Frente Nacional das Mulheres com Deficiência

Racismo não pode, e não deve, determinar o tempo e a qualidade de vida das crianças negras com síndrome de Down. Precisamos falar sobre essa invisibilidade. Racismo e capacitismo geram exclusão. São dois marcadores que impedem o desenvolvimento das crianças: raça e deficiência recaem sobre elas, impondo barreiras.

O conceito de raça é uma construção social para criar hegemonia e relações de poder e, imbricado com capacitismo, dificulta quando não impede a inclusão. Segundo o Centro de Controle de Doenças e Prevenção dos Estados Unidos, as crianças negras com síndrome de Down têm 54% menos chances de sobreviver do que as crianças brancas com a síndrome. A desigualdade e a falta de acesso aos serviços de saúde potencializam a vulnerabilidade e aumentam o risco de a criança não ter acesso aos atendimentos necessários à saúde, diminuindo a expectativa de vida.

O racismo é cruel e perverso, desencadeia um silenciamento e uma invisibilidade que constroem um mito de que não existem crianças negras com síndrome de Down. Esse pensamento excludente impede a intervenção precoce, e

o mito criado pelo racismo vai se fortalecendo, causando vários danos — entre eles, o retardo no diagnóstico e o atraso na oferta de serviços e acompanhamento clínico.

Debater questões de raça e deficiência com um olhar interseccional é imprescindível para combater esse mito, que desencadeia omissões e impossibilita ou dificulta o acesso aos cuidados necessários para o desenvolvimento da criança afetada e sua família. A educação inclusiva deveria atender a todas sem distinção, mas o racismo é barreira concreta. A falta de políticas públicas atravessa o direito à educação, e, fora dos muros das escolas, elas não têm acesso à estrutura necessária à socialização. O ensino, que nasceu para promover a inclusão, também é atravessado com o olhar contaminado pelo racismo.

As famílias, sem auxílio de rede de apoio e informações, enfrentam vários desafios e buscam apoiar-se em outras famílias, criando um suporte emocional que é fundamental para lidar com a exclusão e a inclusão perversa que perpassam suas vidas em uma estrutura racista que gera dor e sofrimento. A falta de representatividade das crianças negras com síndrome de Down é barreira à ocupação de espaços. É a sociedade a dizer a essas crianças e suas famílias que esse avanço não é possível.

As famílias, percebendo todas essas disparidades, lutam sozinhas para furar a bolha, o racismo interseccionado com o capacitismo vai gerando novas formas de opressão. Segundo a Federação Brasileira de Síndrome de Down, em cada 700 nascimentos no Brasil, um é de crianças com síndrome de Down. O Brasil é o segundo maior país do mundo em população

negra; se a maioria da população é preta, onde estão as crianças negras com síndrome de Down? E por que esse silêncio? Esse apagamento faz naturalizar o que é subproduto do racismo e discriminação, o que só reforça a necropolítica, descortinando-se o racismo como principal marcador, porque ele chega sempre primeiro, antes mesmo da deficiência.

Esse corpo dito não normativo, a corponormatividade, fortalece as crenças sociais de que existem corpos inferiores. O racismo vai se retroalimentando. A sociedade não quer se adaptar nem reconhecer essas crianças, elas e suas famílias que deem seu jeito de se adaptar às violências e às negligências que atravessam seus corpos. Em 2024, das 21 crianças com síndrome de Down que foram atendidas por mim, pelo projeto “Cromossomo do Amor”, seis eram crianças negras. Mais uma vez, os marcadores sociais recaíram sobre elas com uma violência potente, gerando vários danos.

Precisamos reconhecer que existem crianças negras com síndrome de Down. Esse reconhecimento precisa vir pela intervenção de políticas públicas que possibilitem o acesso à saúde e aos cuidados básicos. Segundo Carolina Maria de Jesus, “as crianças brancas brincam nos jardins com seus brinquedos, as crianças negras acompanham as mães a pedirem esmolas”. O racismo e o capacitismo recaem sobre elas com tanta força que chegam a tirar delas o principal direito: o direito à vida. O sofrimento das crianças negras com síndrome de Down é flagrante retrato do Brasil desigual e, como dizia Carolina, de “uma desigualdade trágica!”